



## Palmeirim V 1602- Poema

Fac-símile  
[37v/a-37v/b]

*Quinta parte*  
Sua arte que sobreuindo a noite deter-  
minaram passalla no campo. Deram os  
cauallos aos escudeiros que para pasce-  
rem da crua os largaram pello campo.  
Sentaraõse os dous principes na fresca  
relua d'elle onde comeram do que os es-  
cudeiros traziam para seu mantimento,  
poisto que o mais certo que elles zinhaõ  
eram assandades de suas senhoras, que  
quando sam grandes ficam seguindo de  
mais verdadeiro mantimento a quem  
as passa. Nam o tinham feito quando  
bem perto ao que se podia iulgar ouui-  
ram tocar hũa frauta com grande suavi-  
dade. Nam tardou muito que ao som  
della ouuiram cantar o seguinte:

*Alinjo doce de meu pensamento  
Esperança clara do que natina sinto  
Descanço do inquieto laborioso  
Aondo esta vida por perder sustento*

*Tato fiz em perderme o fundamento  
Que que me q̄r cobrar nãlho cõsinto  
Por ser estampa q̄ nesta alma pinto  
Perdas cobradas nũ sebrãte izeto.*

*Quãto mais me perco e perderme veio  
Me descãça a perda por ser bẽ perdida  
Aloce liberdade q̄ descança as penas.*

*Nam pode fazer falta este dezeio  
Que hũa alma q̄ ati ninfa esta rãdida  
Descança com o mal q̄ tu lhe ordenas.*

**A** Cabada a musicã que os princi-  
pes quizeram que durara muito  
moor espaço, foram seguindo  
por hum pequeno artoio ate chegarem  
a hũa cristalina fonte: onde viram assen-  
tados tres pastores, que eraõ os proprios  
q̄ cantaram. Seguiu os o principe Pal-  
meirim d'õ sobre salto em que sua vista

os puzera, & sentandose com el Rei Flo-  
riano entre elles lhes disse. Por amor de  
mi discretos pastores, que de nouo tor-  
neis a cantar o passado soneto para que  
assi passemos com menos enfadamento  
o longo curso, da prolixa goice. Antes  
se vos parecer bem senhores cauallei-  
ros respondea hum dos pastores, canta-  
remos hum romance, que nam menos  
folgareis de ouir. Seia como ordenar-  
des discreto pastor disse el Rei Floriano  
que em fim isso ade ser omãis acertado.  
Tocou ao instante hum delles a frauta,  
& os outros dous começaram assi.

*Entre varios pensamentos  
A onde esperança falta,  
Hum pastor suspenso e triste  
Desta sorte se queixaua.*

*Seruiços sem galardão  
Feitos a ti dura ingrata  
No tempo de meus amores  
Pello frio, neve e calma.*

*Folgas na ardente festa  
Ouirme quando cantaua,  
Debaxo dos verdes sauzes  
Ou dos frexos e altas faias.*

*Puderam tanto desditas  
De minha ventura in cautã,  
Que esqueceste hum amor puro  
Sabido do centro dalma.*

*Tratuaisme com enganos  
Nos enganos que tratuaas,  
A hum amador teu catiuo  
Que verdade se tratana.*  
Permittiste

[38r/a-38r/b]



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

## De Palmêirim de Inglaterra

38

Permittiste por cruel  
Deixares tua cabana,  
O campo proprio & aldeia  
E viuer entre montanhas.

Nos versos das auefinhas  
Na menbaã rompendo alma,  
Entendias meus amores  
Nas cantigas meduladas.

Engeitaste o teu pastor  
Que te tinha entregue a palma  
Do seu coração, por outro  
Que teu amor nam abraza.

La mudaste a natureza  
Quem te poude assi mudalla,  
Que de outrem te lembrasses  
Sendo soo de mi lembrada.

O castigo desta culpa  
Que dou a outrem me inflamma  
E quer cruel que consinta  
Que sejas tu desculpada.

La cruel seras contente  
Em nam perseguir esta alma,  
A lembrança que ma tinha  
Em vino fogo quemada.

Seis annos que serui  
Confiado na esperança  
Do bem que esta alma esperaua  
Por satisfazam & paga.

Porem fiar de molheres  
Da onde nasce mudança,  
Tras no fim conhecimento  
Que no fim se torna em nada.

Nam contente com seruiços  
A onde mais me empregaua,  
Me queres tirar as penas  
Que descançam corpo & alma.

Sam testemunha estes bosques  
Disto que digo & as agoas  
Eilas aruores & fontes  
Onde fermosa te olbauas.

Esta verdade publico  
Onde o pensamento basta  
Pois elle sabe a moor parte  
Do muito que habi p' as suas.

**P**Or certo, disse o principe Palmêirim contra el Rei Floriano, que se o soneto foi para ouuir, nam me parece menos digno de considerar o romance. Pois' muito melhor vos parecera disse hum dos pastores se foubesseis a causa porque este meu compaheiro o fez. Essa aguardo eu disse el Rei Floriano, & ia nam estarei satisfeito ate que a nam saiba, porque romance tam laudozo & namorado, de algum namorado successo deuia proceder, & sendo assi peçouos discreto pastor não querais encobrir nollo, & se em descôto ouuer algũa occasiam em que nosas armas & pessoas vos seiam de proueito, crede que faremôs tudo o que for em nosa mão. Coufa muito mais difficul-tosa quisera eu que me pedireis senhor caualleiro

## Edição paleográfica

[37v/a] Aliuio doce de meu pensamento/ Esperança clara do que nalma sinto/ Descanço do inquieto laberinto/ Aonde esta vida por perder sustêto/ Tãto fix em perderme o fundamêto/ Que quẽ me q'r cobrar não lbo cõsento/ Por ser estampa q nesta alma pinto/ Perdas cobradas, nũ sebrãte izêto./ Quãto mais me perco & perderme veio/ Me descãsa a perda por ser bẽ perdida/ Adoce liberdade q descança as penas./ Nam pode fazer falta este dezeio/ Que hũa alma q ati ninfa esta rãdida/ Descança com o mal q tu lbe ordenas.



# UNIVERSO DE ALMOROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

[37v/b] *Entre varios pensamentos/ Aonde esperança falta,/ Hum pastor suspensso & triste/ Desta sorte se queixava./ Seruiços sem galardam/ Feitos a ti dura ingrata/ No tempo de meus amores/ Pello frio, nene & calma./ Folgauas na ardente festa/ Ouuirme quando cantava,/ Debaxo dos verdes fauzes/ Ou dos frexos & altas faias./ Puderam tanto desdídas/ De minha ventura in cauta/ que esqueceste hum amor puro/ Sabido do centro dalma./ Tratauafme com enganos/ Nos enganos que tratauas,/ A hum amador teu catiuo/ Que verdade te trataua. [38r/a] Permittiste por cruel/ Deixares tua cabana,/ O campo proprio & aldeia/ E viuer entre montanhas./ Engeitaste o teu pastor/ Que te tinha entregue a palma/ Do feu coração, por outro/ Que teu amor nam abraça./ O castigo desta culpa/ Que dou a outrem me inflamma/ E quer cruel que confinta/ Que feias tu desculpada./ Seis annos que ferui/ Confiado na esperança/ Do bem que esta alma esperaua/ Por satisficam & paga./ Nam contente com seruiços/ Aonde mais me empregaua,/ Me queres tirar as penas/ Que descançam corpo & alma./ Sam testemunha estes bosques/ Disto que digo & as agoas/ Estas aruores & fonte/ Onde fermosa te olhauas./ Esta verdade publico/ Onde o pensamento basta/ Pois elle sabe a moor parte/ Do muito que habi passauas./ [38r/b] Nos versos das auefinhas/ Na menbãa rompendo alua,/ Entendias meus amores/ Nas cantigas meduladas./ Ia mudaste a natureza/ Quem te poude assí mudalla,/ Que de outrem te lembrasses/ Sendo soo de mi lembrada./ Ia cruel feras contente/ Em nam perseguir esta alma,/ A lembrança que ma tinha/ Em viuo fogo quemada./ Porem fiar de molheres/ Da onde nasce mudança,/ Tras no fim conhecimento/ Que no fim se torna em nada.*

## Edição crítica

[37v/a] Alívio doce de meu pensamento,  
esperança clara do que n' alma sinto,  
descanço do inquieto laberinto,  
aonde esta vida, por perder sustento,  
tanto fiz em perder-me o fundamento,  
que quem me quer cobrar não lho consento  
por ser estampa que nesta alma pinto,  
perdas cobradas num sembrante izento.

Quanto mais me perco e perder-me vejo  
me descansa a perda por ser bem perdida  
a doce liberdade que descansa as penas.

Não pode fazer falta este dezejo  
que ãa alma que a ti, ninfa, está rendida,  
descansa com o mal que tu lhe ordenas.

[37v/b] Entre vários pensamentos  
aonde esperança falta,  
um pastor suspensso e triste  
desta sorte se queixava:

«Serviços sem galardão



# UNIVERSO DE ALMOROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

feitos a ti, dura ingrata,  
no tempo de meus amores  
pelo frio, neve e calma,

folgavas na ardente sesta  
ouvir-me quando cantava  
debaxo dos verdes sauzes  
ou dos frexos e altas faias.

Puderam tanto desditas  
de minha ventura incauta  
que esqueceste um amor puro  
saído do centro d'alma.

Tratavas-me com enganos  
nos enganos que tratavas  
a um amador teu cativo,  
que verdade te tratava.

[38r/a] Permitiste por cruel  
deixares tua cabana,  
o campo próprio e aldeia  
e viver entre montanhas.

Engeitaste o teu pastor,  
que te tinha entregue a palma  
do seu coração por outro  
que teu amor não abraza.

O castigo desta culpa  
que dou a outrem me inflama  
e quer cruel que consinta  
que sejas tu desculpada.

Seis anos que servi  
confiado na esperança  
do bem que esta alma esperava  
por satisfação e paga.

Não contente com serviços  
aonde mais me empregava,  
me queres tirar as penas  
que descansam corpo e alma.

São testemunha estes bosques  
disto que digo e as ágoas  
estas árvores e fonte



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

onde fermosa te olhavas.

Esta verdade publico  
onde o pensamento basta,  
pois ele sabe a mor parte  
do muito que aí passavas.

[38r/b] Nos versos das avesinhas,  
na menhã rompendo alva,  
entendias meus amores  
nas cantigas meduladas.

Já mudaste a natureza  
quem te poude assi mudá-la,  
que de outrem te lembrasses,  
sendo só de mi lembrada.

Já, cruel, serás contente  
em não perseguir esta alma  
a lembrança que ma tinha  
em vivo fogo quemada.

Porém, fiar de molheres  
dá onde nasce mudança,  
trás no fim conhecimento  
que no fim se torna em nada.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “*Palmeirim de Inglaterra V-VI (1602): composições poéticas*”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.